

São Paulo, domingo, 27 de fevereiro de 2000

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO ★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ★ ALAMEDA BARÃO DE LIMEIRA, 425 ★ ANO 80 ★ Nº 25.897 ★ R\$ 2,50

Juca Varella/Folha Imagem

## empregos

### Olimpíada irá oferecer 120 mil vagas

Cerca de 70 mil oportunidades de trabalho remunerado e 50 mil vagas para voluntários de todo o mundo serão abertas com a Olimpíada de Sydney, na Austrália.

Saiba como concorrer aos postos. **Pág. 1**

## esporte

### Palmeiras bate Vasco no Rio-SP

No Maracanã, o Palmeiras venceu o Vasco por 2 a 1 no primeiro jogo das finais do Rio-SP. César Sampaio e Pena marcaram pelo time paulista. O segundo jogo será na quarta-feira, no Morumbi. **Pág. 4-1**

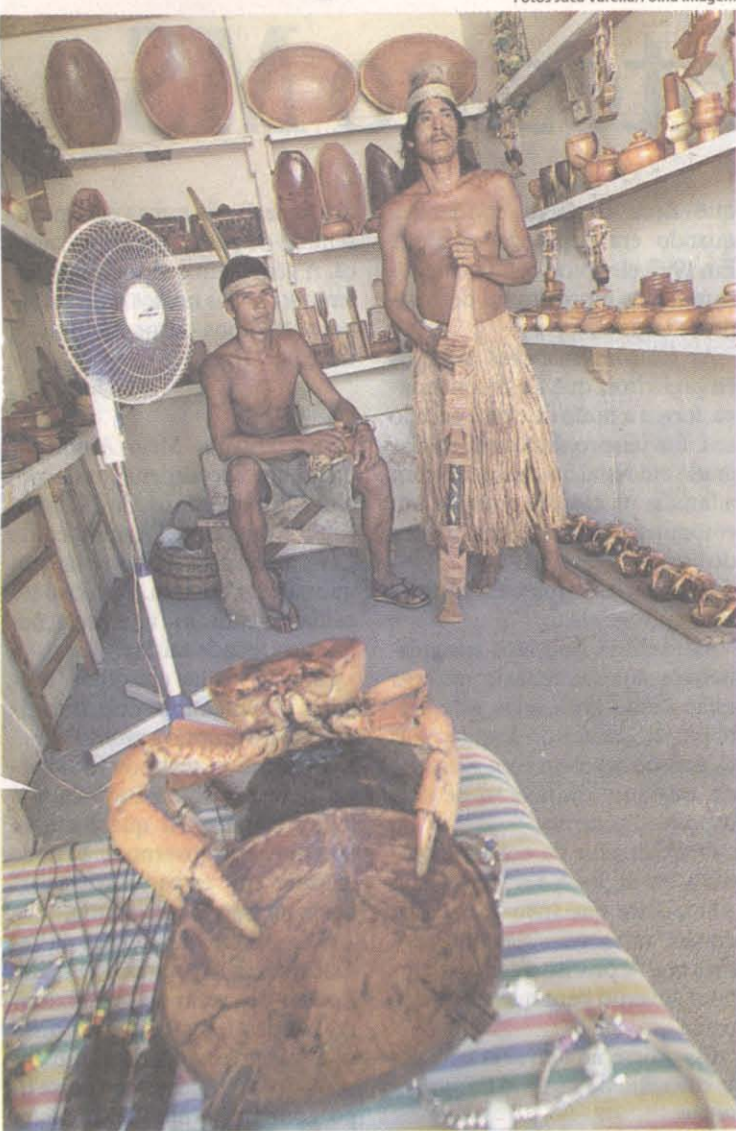


**PREPARATIVOS** Crianças pataxós brincam na área onde foi celebrada a primeira missa no Brasil, em Santa Cruz de Cabrália (BA); as obras para o festejo dos 500 anos incluem a abertura do Pataxopping, centro de venda de artesanato; haverá uma nova cruz, de granito e aço, mais longe do mar **Pág. 1-15**



# Celebração do Descobrimento muda cotidiano dos pataxós

*A maioria dos 2.000 residentes apóia obras como o 'Pataxopping', para venda de artesanato; 'Acho que a gente perdeu um pouco da nossa história', diz índia*



Os índios Guaratibaia e Tucano Pataxó, em barraca de venda de artesanato, que deve ser transferida para o "Pataxopping" até os festejos dos 500 anos



CHRISTIANNE GONZÁLEZ da Agência Folha, em Santa Cruz Cabrália

Principal local das comemorações dos 500 anos de Descobrimento do Brasil, a reserva indígena de Coroa Vermelha (sul da Bahia), em Santa Cruz Cabrália, está sendo descaracterizada por obras voltadas para os turistas.

No lugar dos "kigemes" —residências de madeira e telhado de piaçava—, quem visitar a reserva pataxó vai encontrar casas de alvenaria, o Pataxopping (com 90 pontos comerciais), um museu e ruas pavimentadas. Notará ainda uma cruz de granito e aço com 15 metros de altura, feita pelo artista plástico Mário Cravo Júnior, para assinalar o local em que o frei Henrique Soares de Coimbra teria celebrado a primeira missa em terra, em 26 de abril de 1500.

Realizadas pelo Ministério do Esporte e do Turismo, em parceria com o governo da Bahia, as obras integram um pacote voltado para as comemorações dos 500 anos do Descobrimento, em 22 de abril próximo. O total de investimentos previstos chega a R\$ 150 milhões, em toda a Costa do Descobrimento —Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália e Belmonte.

No caso dos pataxós, as ações incluem um curso patrocinado pelo governo baiano para dar aos índios orientação sobre como receber turistas e como administrar as lojas de artesanato típico que serão abertas (leia abaixo).

Os pataxós são índios da família macro-jê e fazem parte do grupo dos botocudos —também chamados de aimorés ou tapuias.

Quando chegaram os primeiros europeus, os botocudos ocupavam grandes faixas da mata atlântica, da baía de Todos os Santos até a foz do rio Doce, no Espírito Santo.

As melhorias na área indígena são guiadas pela preocupação de agradar aos visitantes. "A aldeia de Coroa Vermelha parecia uma favela, com barracos, palafitas e sem rede de esgoto. A sujeira no local provocava a proliferação de doenças e repelia o turista", diz a secretária de Turismo de Santa Cruz Cabrália, Lígia Barros.

A socióloga Vera Andrade, da Conder (Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia), diz que as obras ajudarão os índios a recuperar a auto-estima e a resgatar sua cultura.

"Eles vão ganhar um museu para contar sua história e um centro comercial para vender seus produtos. Com o tempo, vão entender o quanto é importante preservar seus valores", diz ela.

A maioria dos 2.000 pataxós da

reserva apóia as obras, que, para eles, melhoram suas condições de vida. Entre eles, porém, há quem as veja de forma crítica. "Essas construções estão tirando a característica da aldeia. Antes, mesmo com os barracos e palafitas, dava para perceber que era uma área indígena. Acho que a gente acabou perdendo um pouco da nossa história", diz Arari Pataxó, 36, representante das mulheres da reserva.

O gerente regional da Funai (Fundação Nacional do Índio) em Porto Seguro, Antonio Manoel da Silva, responsável pela reserva, afirmou que os pataxós foram "iludidos" pelo ministério. "Os índios aprovaram o projeto porque foram seduzidos pela promessa de ter água encanada, esgoto e casas confortáveis, mas isso não está sendo cumprido. O projeto não tem nada a ver com a cultura indígena", declarou.

Lígia Barros disse que a aldeia pataxó já estava descaracterizada antes do início das obras. "O convívio com a comunidade branca já causara essa transformação."

Quem visita a reserva só vê índios com aspecto tradicional nas áreas de comércio —para atrair a atenção dos turistas— e na área da Jaqueira, onde um grupo de 30 pataxós construiu uma aldeia típica voltada para turistas.

A índia Arari disse que a comunidade deixou de se reunir para o ritual do auê (dança típica) e que poucos na aldeia falam pataxó. "Com a chegada dos brancos, o índio passou a desejar coisas que não conhecia. Isso traz facilidades para a vida de hoje, mas a comunidade era mais unida e feliz antes", afirma.

A reserva de Coroa Vermelha está localizada às margens da BR-367, que liga Porto Seguro a Santa Cruz Cabrália. Atualmente a reserva está dividida em três áreas —uma de preservação ambiental (Jaqueira), uma destinada à agricultura e outra comercial.

Aos índios, o governo prometeu 150 casas de alvenaria, só concluiu dez e tem mais 31 previstas para acabar até o início dos festejos. Os pataxós temem que o resto não seja feito, pois as obras só estão adiantadas no Pataxopping, no museu e no monumento. Até agora, cerca de 50 famílias deixaram suas casas por causa das novas construções e foram, na maioria, para casas da reserva.

Aruã Pataxó, 25, da comissão que acompanha as obras, diz que a aldeia está descontente com o tamanho das novas casas. "O índio tem família grande, e as casas têm só 43 m². Além disso, o material não é de boa qualidade."



Aula do curso promovido pelo Sebrae, em que os índios pataxós são orientados a atender os turistas e a gerir suas lojas

## Índios ocupam lojas no Pataxopping

da Agência Folha, em Santa Cruz Cabrália

O Sebrae está dando um curso de gerenciamento empresarial para os índios pataxós que vão trocar o antigo comércio na reserva por lojas no Pataxopping.

As aulas, que começaram na quarta-feira passada, acontecem todas as noites e vão até o início do mês de abril.

O objetivo principal é ensinar o gerenciamento das lojas e como fazer o atendimento ao turista da melhor forma possível.

Há não-índios que também recebem aulas, mas em local separado. "São pessoas de diferentes culturas e linguagens. A abordagem do curso precisa respeitar isso", disse Maria Rita Sales, 36, consultora do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), que está ministrando o curso.

Nos primeiros dias de aula, foram feitas apenas atividades de integração do grupo. Maria Rita serviu um lanche antes de começar e pediu aos índios que falassem sobre sua cultura (danças, pinturas, trajes).

Somente na próxima semana os índios começam a adquirir as primeiras noções de gerenciamento empresarial.

Maria Rita Sales vai orientá-los a atender ao turista vestidos com trajes típicos, a manter as lojas sempre limpas e a não fumar ou comer diante do cliente.

### Marketing

A consultora disse também que pretende dar dicas para agradar

ao turista. Elas vão desde desejar "bom dia" em língua pataxó até a programação de apresentações de danças típicas no Pataxopping.

"O turista quer ver o índio caracterizado, e não vestido com roupas de não-índio", disse a consultora. Ela acredita que as noções de marketing vão chamar a atenção do índio para a importância e riqueza de suas tradições.

"Eles vão perceber que a beleza da cultura indígena encanta e atrai o turista. Isso vai estimular a comunidade a manter e divulgar suas tradições", diz.

Dos 70 comerciantes índios convidados para participar do curso, apenas 45 foram às primeiras aulas. No curso para os não-índios, 50 dos 80 convidados compareceram.

### Comércio auto-sustentável

"Acho que a gente precisa mesmo aprender a lidar com o turista. Se ele gostar, volta outras vezes", disse Guaratibaia Pataxó, 28, que atualmente mantém uma loja de artesanato no comércio provisório de Coroa Vermelha.

"Nosso objetivo é criar condições para que o comércio local seja auto-sustentável", disse Noélia Almeida Santana, coordenadora do curso pela Conder (Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia).

Os índios que participam do curso são antigos comerciantes da aldeia pataxó.

Eles mantinham barracas com artesanato no centro de Coroa Vermelha, onde está sendo construído o Pataxopping.



Aruã Pataxó, 25, na aldeia da Jaqueira, usada para atrair turistas

## "Aldeia de verdade" é feita para turista

da Agência Folha, em Santa Cruz Cabrália

Um grupo de 30 pataxós construiu uma aldeia, numa área de mata da reserva indígena.

Idealizada por Matalauê Pataxó com a justificativa de resgatar a cultura tribal, a Jaqueira é utilizada, de fato, como forma de ganhar dinheiro com o turismo.

Pouco conhecida, até mesmo pelos moradores da região, a Jaqueira fica em uma área de preservação ambiental, dentro da reserva de Coroa Vermelha, a seis quilômetros do centro comercial.

Com a promessa de ver uma "aldeia de verdade", os turistas são convidados a conhecer a Jaqueira por índios que trabalham como guias no centro comercial.

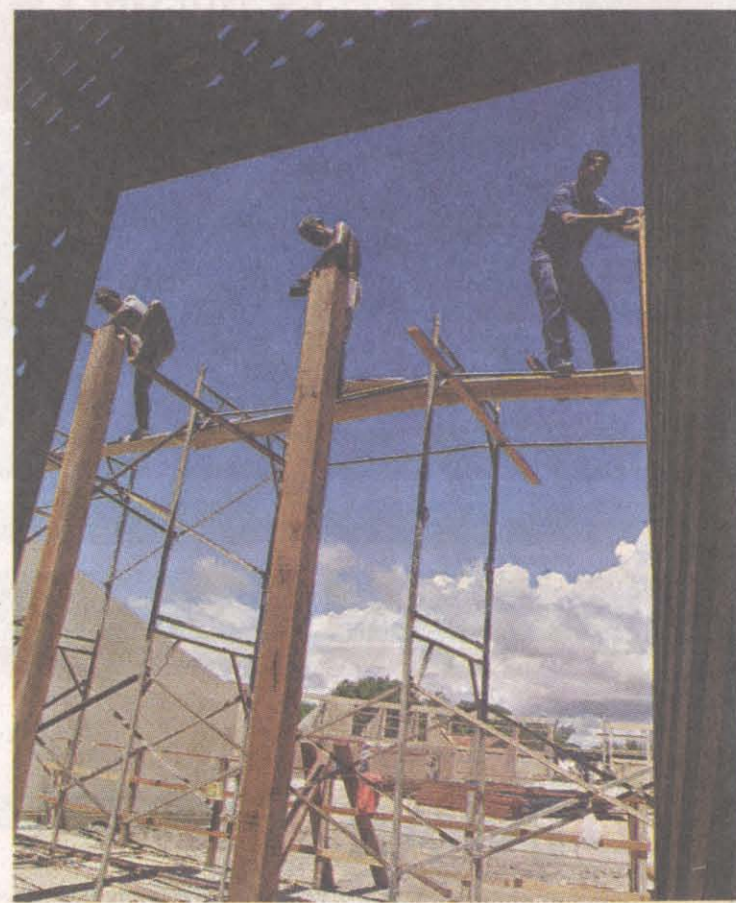
Eles visitam a área com a ideia de que vão encontrar pataxós que vivem em "kigemes".

"Na verdade, a gente mora no

centro de Coroa Vermelha, mas passa o dia na Jaqueira para atender ao turista que quer conhecer nossas tradições", disse Kapimbará Pataxó, um dos integrantes do projeto, que mora em uma casa de alvenaria situada à beira da praia, assim como a maior parte dos integrantes do grupo.

Na Jaqueira, os pataxós passam o dia dançando o auê, pintando o corpo e acompanhando visitantes em passeios pelas trilhas.

Para conhecer o local, cada turista paga R\$ 10. Em troca, tem direito a assistir a um ritual festivo, a participar de um torneio de arco e flecha e a provar um peixe com farinha de mandioca feito pelas índias de Coroa Vermelha, que pode ser acompanhado pelo cauim (bebida fermentada feita com mandioca) ou pelo jatobá (vinho preparado com a casca da árvore).



Obras do Pataxopping, que abrigará as lojas de artesanato